

Capítulo 14

MEMORIAL

Elaine Cristina Ferreira de Santana Assis



Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. E a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.

Walter Benjamin



Inicio minha trajetória escolar em uma Escola Municipal do bairro de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Aos quatro anos de idade vivenciei experiências marcantes e significativas em uma instituição de ensino que valorizava o contato direto e praticamente diário com a natureza. Esse tipo de oportunidade ofertado pelo espaço escolar e agentes da educação que ali atuavam, me ajudou a enxergar a melhor parte de mim. Me fez acreditar que precisamos aproveitar cada oportunidade para adquirir novos conhecimentos e como criança, o que eu mais gostava era de experimentar.

Tive dificuldades para lembrar experiências no período de minha alfabetização, todavia, me lembro de muitos detalhes de minha Educação Infantil. Foi muito importante para mim ter como referência a natureza. Isso me permitiu ter um olhar mais sensível com o meio em que estou inserida e com meus pares. Me recordo da subida de uma ladeira bem grande que era o percurso para essa escola, das flores que eu sempre colhia para minha professora, dos pés de tamarindo que até hoje existem e que eu sempre chegava na escola ou em casa com algumas frutinhas. Amo tamarindo!

Acredito que a forma como proponho atividades aos meus alunos esteja vinculada a esse início da minha escolarização. São atividades que envolvem movimento, permitindo que saiam da sala de aula e realizem atividades ao ar livre, em contato com a natureza. Acredito que a oportunidade de construção de novos conhecimentos acontece a partir das experiências vivenciadas, pois como nos ensina Paulo Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.”

Minha alfabetização aconteceu em outra instituição de ensino, na Escola Municipal Gilberto Bento da Silva, também no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro. Estudei até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental II. Nessa escola, a sala de alfabetização era pequena e todas as carteiras enfileiradas. Não tinha muito espaço para atividades no jardim externo. Só havia uma quadra de esportes e poucas árvores próximas da quadra. Os alunos não saiam das salas de aula, eles só se deslocavam para lanche e realizar as atividades das aulas de Educação Física. E quando os professores de educação física recebiam a autorização para realizarmos nossas atividades na quadra arborizada ao lado do colégio, era uma verdadeira festa.

Quando cheguei nessa escola, fui bem recepcionada pela professora que pedia minha colaboração nas aulas, me motivava em desenvolver minhas habilidades e auxiliava em minhas dificuldades. Isso foi muito importante, pois havia ficado muito triste por precisar sair de minha antiga escola. Me encantei pelo novo espaço quando a diretora resolveu organizar eventos com desfiles, shows de talentos e eu

sempre participava cantando e desfilando. Amava ganhar as medalhas e troféus naquela época. Minha mãe guarda alguns até hoje.

Com o passar dos anos de escolaridade, comecei a ter algumas dificuldades para realizar as atividades que vinham para casa. Minha mãe resolveu contratar uma explicadora para me ajudar, pois estudei pouco e precisava me dedicar às atividades do lar e aos meus dois irmãos mais velhos.

Meus pais, nasceram no interior dos estados de Sergipe e da Paraíba, região nordeste de nosso país. Eles tiveram poucas oportunidades de estudo. Meu pai, Pedro Sabino de Santana (Em memória), estudou até a antiga 4ª série. Único filho homem de uma família de quatro filhos, veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de emprego e trouxe consigo duas irmãs mais novas, duas sobrinhas e sua mãe que já era viúva e as ajudou no que precisavam.

Minha mãe, Maria do Socorro Ferreira de Santana, a mais velha de uma família de 7 filhos, veio para o Rio de Janeiro com seus pais e irmãos em busca de melhores condições de vida ainda pequena. Perdeu sua mãe no início de sua adolescência e precisou se dedicar aos cuidados de seus irmãos mais novos para que seu pai pudesse trabalhar. Concluiu a antiga 5ª série, já adulta e com seus três filhos crescidos, mas não pode dar continuidade. Hoje pensa em retornar com incentivo dos filhos e netos.

Residentes no Estado do Rio de Janeiro, meus pais trabalharam bastante. Eles se conheceram e construíram sua família. Junto aos filhos, buscaram entender na família o real significado de amor entre si, amor ao próximo, respeito, empatia e em acreditar que nada é impossível, desde que não deixemos de sonhar e amar as pessoas. Reconheço que esse amor me fortaleceu durante toda minha caminhada e foi a base de minha educação. Freire informa que “a educação é um ato de amor, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Minha mãe conta que não apresentei dificuldades para aprender a ler e escrever e sempre me incentivou com palavras carinhosas dizendo que sou muito estudiosa e dedicada. Isso fez muita diferença em todo o meu processo de escolarização, porque me ajudou a ter confiança em tudo que fazia e me dedicava nos estudos.

Me recordo de minha passagem para o Ensino Fundamental II. Foi muito difícil! Os alunos que estavam finalizando esse período na escola e diziam pelos corredores que sentiríamos muito, pois a quantidade de professores e disciplinas aumentariam e isso gerava em mim e demais colegas de turma uma tensão. Mas como meus pais sempre buscavam conversar comigo, me orientando a fazer o meu melhor, passei dessa fase com êxito. Gostava muito de conhecer meus professores,

conversar com eles, auxiliá-los no que fosse preciso, acredito que já me identificando com minha futura profissão.

Iniciei o trabalho como professora bem cedo. Nos fundos de minha casa, morava uma família que tinha dois filhos. Um dos meninos apresentava muitas dificuldades de aprendizagem e a mãe se dizia sem paciência. Ela ouvia quando estudava em voz alta em meu quarto e me fez a pergunta se eu poderia ensinar seu filho e assim, ganharia uma pequena quantia em dinheiro. Eu tinha apenas 11 anos e me encantei com a ideia, pois adorava fazer sabonetes decorativos e vender artesanatos confeccionados por mim e outras coisas para ter meu dinheirinho. Estudamos por seis meses e depois o irmão mais velho também quis estudar conosco. Foi uma experiência ímpar!

Me casei aos 20 anos, no ano em que terminei o Ensino Médio. Um mês depois, fiz 18 anos e meu esposo, que é militar há quase trinta anos, Luis Carlos, foi para EEAR, em São Paulo. Como era tudo novo para mim, acabei optando em apenas trabalhar e não realizei minha graduação. Prestei alguns concursos em diferentes áreas de atuação, trabalhei em clínica médica e até a experiência de ser comerciante.

Depois de alguns anos de casada, fui mãe de minha primeira princesa, meu sonho de adolescência, Livia que hoje tem 17 anos. Com a Livia ainda pequenina, me inscrevi em um curso de Pós-Médio Magistério que reacendeu a paixão pela área da Educação. Consegui estagiar em uma escola particular perto da residência de minha mãe, conciliando o curso com o estágio. Minha mãe ficava com minha filha e a levava na hora da saída para irmos para casa, que ficava bem longe. Depois disso, meu esposo foi transferido para Manaus, no Amazonas.

Já morando em Manaus, com uma filha de 2 anos e meio, me inscrevi no curso de Pedagogia da Universidade Luterana no Brasil. Confesso que fiquei com muita dúvida na escolha de meu curso, mas sempre me recordava das experiências vividas e das palavras de incentivo de minha cunhada Mônica que é professora há mais de 30 anos e atua no Município do Rio de Janeiro e resolvi pela graduação em Pedagogia. Até hoje, dialogamos sobre nossas práticas e muito nos emocionamos e trocamos. Posso dizer que fui influenciada pelas trocas e falas encantadoras, emocionadas e inspiradoras de minha cunhada e pelas belas lembranças e experiências vividas em minha infância, no período da Educação Infantil, para minha escolha pela Pedagogia.

Então fiz a graduação em Pedagogia, e no terceiro ano da faculdade, consegui um estágio no Colégio Batista Ida Nelson, localizado em Manaus. É um colégio de grande porte e com ambiente muito prazeroso de trabalhar. Ao final do ano letivo, após seis meses atuando como estagiária, a diretora me perguntou se

eu gostaria de continuar no colégio como estagiária. Criei coragem após a pergunta e confessei o desejo de atuar como professora naquela instituição e ela disse que pensaria no assunto. No início do ano seguinte, em fevereiro de 2009, fui contratada como professora e fiquei muito feliz!

Um grande desafio me aguardava. Me recordo de dois alunos em especial, nessa época. Um não se comunicava oralmente, apenas com gestos. Era um menino que tinha o olhar doce e meigo. A mãe descobriu nesse mesmo ano, após alguns encontros e reuniões com a equipe de orientação e coordenação que seu filho era Autista. Com o trabalho desenvolvido, conseguimos que ao final do ano, esse aluno se comunicasse conosco e sua família. Foi emocionante ver a felicidade de todos. Já o outro mencionado, batia nos coleguinhas, inclusive em mim, após os encontros com os responsáveis e equipe, trocas da equipe e parceria da família, começou a se socializar melhor com as outras pessoas e de uma maneira prazerosa.

Em 2010, retornei com minha família para o Rio de Janeiro, participei de um processo seletivo e atuei no Colégio Santa Mônica, no 2º ano do Ensino Fundamental I. Foi maravilhoso o tempo em que estive com esses alunos maiores. Aprendi e troquei bastante com eles. Nessa mesma época, engravidei de minha segunda princesa, mais um grande presente de Deus. Ela se chama Emili e tem 13 anos de idade e nasceu em 2011. Após o nascimento da Emili, me dediquei exclusivamente a família até ela completar 1 ano e 7 meses.

No início de 2013, retorno a área da educação, atuando na Educação Infantil, no Centro Educacional Pinheiro Ramos, localizado em Jardim Sulacap. Após esse período, tive a oportunidade de atuar no Colégio Semear Desafios, que ficava localizado no bairro Valqueire. O colégio fechou em dezembro de 2020, por conta da pandemia, mas com certeza ficará em minha memória e de todos que participaram de sua história.

Nesse colégio vivenciei experiências desafiadoras e significativas no Maternal I e atuando em uma turma de pré-alfabetização, tendo minha filha mais nova como aluna, aprendi muito com os diferentes desafios, e nela, pude me tornar ainda mais sensível a respeitar o quanto somos diferentes e especiais ao mesmo tempo. E neste contexto, em conjunto com Augusto Cury afirmo que “o sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças”

Logo depois, no ano de 2018, ingressei na FAB pelo Quadro de Oficiais Temporários. Iniciei minha atuação como Pedagoga da Força Aérea Brasileira em um momento muito conturbado em minha vida. Meu esposo tinha sido transferido para Manaus e minhas filhas e eu ficamos no Rio de Janeiro. Mas acredito que Deus sabe de todas as coisas e que tudo tem um propósito. A minha colocação no curso me permitiu escolher a unidade que serviria e eu não tinha dúvidas, escolhi o Colégio Brigadeiro Newton Braga.

Fiquei muito feliz em ter tido a oportunidade de fazer essa escolha, pois não consigo me ver trabalhando fora da escola. Parecia um sonho tudo que estava acontecendo em minha vida, mas hoje me vejo como uma Pedagoga da FAB, profissional que ama a educação e que se apaixona, ainda mais por essa profissão, através de cada experiência vivida. Estar em sala de aula, aprendendo e compartilhando conhecimentos com meus alunos, tem sido gratificante, pois como nos indica Paulo Freire “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”

De acordo com Augusto Cury “educar é viajar no mundo do outro, sem nunca penetrar nele. É usar o que passamos para transformar no que somos.” E é em busca de transformação que sigo aprendendo e somando com meus pares nessa instituição, onde pude conhecer pessoas que me inspiram a desejar ser uma profissional de excelência e que eu possa fazer a diferença nas vidas dos educandos e companheiros que fazem e ainda irão fazer parte de minha história.

No Colégio Brigadeiro Newton Braga, proponho aos meus alunos desenvolverem diferentes projetos de leitura e escrita, com diferentes temas de forma interdisciplinar. As experiências vividas no passado, o aprender em todos os espaços da escola e o trabalho com demais colegas, inclusive dos outros segmentos do colégio, me motivam a proporcionar uma educação transformadora e significativa aos educandos que passam pela minha vida.

Me encanta a importância da bagagem de vida que o aluno traz para o ambiente escolar e fazer parte dessas histórias me desafia dia após dia. É importante que os alunos ouçam, falem, pesquisem, conheçam, observem e principalmente experimentem para construir novos conhecimentos. Esse movimento lhes permitirá realizar críticas e a obter significado diante ao que foi aprendido. E como nos informa Piaget “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.”

E sobre essa importância de estar sempre em busca de novos conhecimentos, reflito no poder da formação continuada do professor no trabalho dia a dia com seus alunos, nas conversas com os colegas, nas discursões sobre teorias e práticas, ao aprender ouvindo as opiniões e sugestões após a visualização de trabalhos desenvolvidos e expostos pelos próprios alunos, nas conversas com a equipe de gestão da escola sobre as práticas cotidianas, nas trocas nos corredores. Penso que tudo isso é muito relevante e nos permite ter novas ideias, novos olhares. Me sinto grata por fazer parte desse grupo de estudos (GEPSAD) que existe no CBNB e que muito enriquece minhas práticas.

Costumo dizer que ser educador, não é uma profissão que escolhemos, mas que nos escolhe, nos acolhe, nos enche de esperança, nos provoca, nos inspira, nos motiva, a exercer e a gerar em nós e nas pessoas que estão a nossa volta,

grande curiosidade em novos saberes, pois como afirma Paulo Freire “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Acredito que durante os caminhos que percorremos na vida, em um momento ou outro, encontraremos alguém, nos sensibilizaremos com algo que contemplamos ao ouvir, ver ou sentir e assim, surgirão acontecimentos que nos levarão a refletir sobre diferentes formas de enxergar a vida e essa sensibilidade adquirida de formas variadas nos permitirá aprender muito mais do que propriamente ensinar ou compartilhar, nos permitirá aprender saberes que enriquecerão a nossa história.

**Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras,
mas também seu pensamento e suas motivações.
Lev Vigotsky.**